


I'm not robot  reCAPTCHA

Continue

Mt kilimanjaro is in what country

Nota: Para outros significados, veja Kilimanjaro (desambiguação). Esta página cita fontes, mas estas não cobrem todo o conteúdo. Ajude a inserir referências. Conteúdo não verificado poderá ser removido.—Encontre fontes: Google (notícias, livros e acadêmico) (Julho de 2020) Kilimanjaro Vista do Kilimanjaro, a partir do Parque Nacional de Amboseli, no Quênia
KilimanjaroKilimanjaro, Tanzânia
Coordenadas 3° 3′ 54.99″ S 37° 21′ 32.67″ E
Altitude 5891,8[1] m (19 330 pés)
Proeminência 5881 m
Isolamento 5 509 km
Listas UltraSete cumesSete cumes vulcânicosPonto mais alto de um país
Localização
Kilimanjaro, Tanzânia
Cordilheira Nenhuma
Primeira ascensão 6 de outubro de 1889 por Hans Meyer, Ludwig Purtscheller e Johannes Kinyala Lauwo
Rota mais fácil Escalada via Marangu, Rongai ou Machame
Monte Kilimanjaro ou monte Quilimanjaro (Oldoinyo Obior, que significa montanha branca em Masai, ou Kilima Njaro, montanha brilhante em kiswahili), localizado nas coordenadas 3º07' S e 37º35' E, no norte da Tanzânia, junto à fronteira com o Quênia, é o ponto mais alto da África, com uma altura de 5 895m no Pico Uhuru. Este antigo vulcão, com o topo coberto de neve, ergue-se no meio de uma planície de savana, oferecendo um espetáculo único[2]. O monte e as florestas circundantes, com uma área de 75 353 hectares, possuem uma fauna rica, incluindo muitas espécies ameaçadas de extinção e constituem um parque nacional que foi inscrito pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) em 1987 na lista dos locais que são Património da Humanidade[1]. O complexo do monte Kilimanjaro com as suas florestas, localizado entre 2°50′-3°20′S, 37°00′-37°35′E, tinha sido considerado uma reserva de caça pelo governo colonial alemão nos princípios do século XX, mas foi considerado uma reserva florestal em 1921, até que, em 1973, foi declarado como Parque Nacional. Toponímia e etimologia
Vista leste do Kilimanjaro. O nome utilizado para designar a montanha no seu conjunto escreve-se «Quilimanjaro», em português,[3][4] «Kilimanjaro» em inglês e «Kilimandjaro» em francês. Também é denominada, Ol Doiny Obior em maa, que significa «montanha branca» ou «montanha brilhante».[5] O seu nome foi adoptado em 1860, e provém do termo suaili Kilima Njaro.[6] O nome Kilimanjaro foi objecto de vários estudos toponímicos, e o explorador e linguísta alemão Johann Ludwig Krapf assumia-o como a «montanha do esplendor», sem maiores considerações.[7] Em 1884, Gustav Adolf Fischer, explorador e naturalista alemão, afirmava que njaro era um demónio do frio, ideia compartilhada pelo geógrafo Hans Meyer durante a sua escalada em 1889, no entanto, o termo njaro era apenas conhecido pelos habitantes da costa e não pelos que viviam nas regiões do interior, que só acreditavam em espíritos benfeitores.[7] O explorador Joseph Thomson foi o primeiro a assumir, em 1885, o significado de «montanha brilhante». Sob o pressuposto de que kilima se refira em suaili a "montanha", para os próprios Wachagga a confusão deve-se ao facto de o termo devidamente utilizado para "montanha" em suaili ser "milima", e "kilima" um diminutivo que significa colina ou montanha pequena. É possível assumir que o diminutivo seja utilizado para se referir à montanha de um modo afectivo, ainda que seja difícil compreender porque um estrangeiro deveria querer expressar tal afecto. Njaro refere-se a brancura, a brilho em suaili.[7] Por outro lado, na língua maa, ngaru ou ngare designa a água ou as fontes.[7] porém jaro também pode significar, em kichagga, uma caravana; e uma teoria alternativa propõe como origem os termos kilimanare/kilemanjaare, kilelemanjaare ou mesmo kilelajao/kilemanyaro, cujo significado é, respectivamente, «que vence ao pássaro» ou «o leopardo» ou «a caravana». Não obstante, este nome não terá sido importado até meados do século XIX pelos chagga, que tinham por hábito nomear separadamente cada um dos cumes conhecidos que compõem o conjunto do Quilimanjaro, tornando esta explicação anacrónica, pois o monte tem vários nomes.[7] O Quilimanjaro é constituído por três cumes ou picos principais: o Shira, o Mawenzi (em kichagga, Kimawenze ou Mavonge, que significa «cume dividido», cuja aparência deu origem a uma lenda local)[7][8] e Kibo (em kichagga, Kipoo ou Kiboo, que significa «manchado», por causa duma rocha escura que sobressai por entre as Neves perenes,[7] também chamado Kyamwi, «luminoso»).[8] Neste último reside o ponto culminante do conjunto, o pico Uhuru (em suaili, «liberdade»). Anteriormente batizado como Kaiser-Wilhelm-Spitze, de 1889 a 1918, em homenagem a Guilherme II da Alemanha na sequência da colonização da África Oriental Alemã através da assinatura de vários tratados entre Carl Peters e os dirigentes locais, até à passagem de Tanganica sob administração do Reino Unido.[9] Geografia
Kilimanjaro 3D Senecio gigante, até ca. 4 500 m. Fotografia aérea de dezembro de 2009 Por se encontrar na margem oriental do sul da África, o monte Kilimanjaro, que mostra ter tido grande actividade vulcânica no Pleistoceno, não se encontra totalmente isolado na planície africana, mas está acompanhado por três outros cones vulcânicos, orientados num eixo este-sudoeste: o mais antigo, Shira, a oeste, com uma altitude de 4 500 m, Mawenzi a leste, com uma altitude de 5 149 m e, entre eles, Kibo, que é o mais recente e mostra ainda sinais de actividade, na forma de fumarolas. Entre o Kibo e o Mawenzi há uma plataforma com cerca de 3 600 hectares[2]. A existência de neve é consequência de sua altitude. Em setembro de 2008, uma equipa liderada pelo português Rui Fernandes, investigador do Centro de Geofísica da Universidade de Lisboa e professor na Universidade da Beira Interior (UBI) mediu com a maior precisão de sempre a altura do ponto mais alto da montanha com recurso a GPS. O resultado de 5 891,8 m apresenta uma precisão de centímetros.[10] Flora
Malindi, Quênia, 23 m; 3°14'S 40°06'E, temperatura média anual 26,5 °C ; 750 - 1 000 m. Culturas: café (Coffea arabica), banana (Musa spp.), manga (Mangifera indica), abacate (Persea americana). Floresta subtropical úmida, entre 1 400 m até 3 000 m, máx. 3300 m; líquen de barba (Usnea); linha das árvores, 2 700 - 3 000 m, máx. 3 500 m; lobélias-gigantes, até ca. 4 000 m; florestas subalpinas de éricas até 4 100 m; senécias-gigantes até 4 500 m; vulcão Kibo - pico Uhuru, 5 891,8 m com gelo.[1] Florestas montanhosas de Ocotea são presentes no lado sul, úmido. Ocotea usambarensis pode crescer até 45 m (150 pés). Florestas de cassipourea e juniperus (juniperus procera) são presentes no lado norte, seco.[11] Espécies: acácias, urze-molar ou betouro (Erica arborea), samambaias, líquenes, Ericaceae (até 10 m), coníferas, senécias (5 até 6 m), lianas, lobélias, musgos, oliveiras (Olea africana), orquídeas, palmeiras, senécias-gigantes, Juniperus e cedros. A faixa de bambu não existe no Kilimanjaro porque onde há chuva suficiente, existe agricultura. Proteção
O Kilimanjaro é protegido por um parque designado Parque Nacional do Kilimanjaro, classificado pela UNESCO como Património da Humanidade[12]. O degelo das geleiras (glaciares) no topo do Kilimanjaro é uma realidade. Estimadas em cerca 12 km² de extensão em 1900, recobrem hoje somente 2 km² (ou seja, o monte perdeu 80% de sua neve), e neste ritmo irão desaparecer em 2020. O aquecimento geral da Terra explica este fenómeno, embora outros elementos possam ter influenciado[13]. O documento 'Case Studies on Climate Change and World Heritage' publicado pela UNESCO em Junho de 2007, estabelece a relação entre aquecimento global e desaparecimento dos glaciares do topo do Kilimanjaro. A esse propósito existe também o livro de viagens de aventura, do escritor/aventureiro José Maria Abecasis Soares, intitulado 'Horizontes em Branco', publicado pela Editorial Presença em Novembro de 2010. Os dois cones vulcânicos do Kilimanjaro: Kibo (esquerda) e Mawenzi (direita). História
Primeira fotografia do Kibo, tirada em 1929 Imagem aérea do cume do Kilimanjaro em 1938 Antes do século XIX, algumas raras crónicas, como a do geógrafo egípcio Ptolomeu, mencionaram a existência de uma montanha branca no coração da África. Em 1845, o geógrafo britânico William Cooley, certo da sua existência, afirma que a montanha mais conhecida da África oriental é recoberta de rochas vermelhas. Em maio de 1848, o missionário anglicano alemão Johannes Rebmann explora a região Chagga e acaba por se aproximar da montanha: "Ali pelas 10 horas, vi alguma coisa branca no topo de uma montanha, e acreditei que se tratasse de nuvens, mas meu guia me disse que era o frio; então, reconheci com satisfação esta velha companheira dos europeus, que chamamos neve". Sua descoberta, divulgada em abril de 1849 no Church Missionary Intelligencer, é contestada em Londres[14]. Foi somente em 1861 que uma expedição, dirigida pelo barão alemão Klaus von der Decken e pelo botânico inglês Richard Thornton, permitiu constatar que se tratava realmente de um pico com Neves eternas. Ascensão
A ascensão é tecnicamente fácil, mas longa e penosa pelo frio e pela altitude. A via mais frequentada é a via Marangu. As outras vias praticadas são as vias Machame, Mweka, Lemosho, Rongai, Umbwe, Northern Circuit e Shira[15]. Aproximadamente 20000 pessoas tentam todos os anos alcançar o topo. Este número é controlado pelas autoridades da Tanzânia. Em 1883, o inglês Joseph Thomson, seguido do conde Teleki, atacam o pico, mas não passam dos 5 300 m. Após dois fracassos, Hans Meyer, em 6 de outubro de 1889, consegue alcançar o topo do Kilimanjaro, acompanhado de seu amigo Ludwig Purtscheller e do guia chagga Lauwo[14]. Este teria morrido com 127 anos em 1997, mas talvez essa história seja apenas uma lenda, como a história da presença de um cadáver congelado de leopardo, encontrado a 5 500 m. Um dos mais belos contos de Ernest Hemingway chama-se As Neves do Kilimanjaro. Compreendeu, então, que era para lá que se dirigiam “ Ver também Lista do Património Mundial em África Monte Quênia Referências 1 a b c The Kilimanjaro 2008 Precise Height Measurement Expedition. «Precise Determination of the Orthometric Height of Mt. Kilimanjaro» (PDF). Consultado em 16 de maio de 2009 1 a b Tanzania National Parks. «Kilimanjaro». Consultado em 1 de fevereiro de 2012. Arquivado do original em 23 de setembro de 2012 1 «Quilimanjaro». Dicionário Português. Consultado em 25 de abril de 2016 1 «Quilimanjaro». Porto Editora. Consultado em 25 de abril de 2016 1 «Synonymy of the Kilimanjaro». Global Volcanism Program (em inglês). National Museum of Natural History – Smithsonian Institution 1 «Kilima-Njaro». The Nuttall Encyclopaedia (em inglês). 1907. 1 a b c d e f g Hutchinson, J. A. (1965). «The Meaning of Kilimanjaro» (em inglês). Tanganyika Notes and Records. Consultado em 12 de dezembro de 2015 1 a b Marie-Laure Montlahuc, Gérard Philippson, Kilimanjaro : montagne, mémoire, modernité, op. cit., pp. 81-93 1 Briggs, Philip (1996). Guide to Tanzania (em inglês) 2.ª ed. [S.l.]: Bradt Travel Guides. ISBN 1898323364 1 1 EWP. Mount Kenya Map Arquivado em 27 de fevereiro de 2009, no Wayback Machine. and Guide, 4th edition (2007): 1:50000 com 1:25000, EWP Map Guides. ISBN 978-0-906227-96-1. ISBN 0-906227-96-8 1 1 «Facts about Kilimanjaro». Consultado em 1 de fevereiro de 2012 1 a b «Cópia arquivada». Consultado em 31 de janeiro de 2012. Arquivado do original em 10 de fevereiro de 2012 1 «Climb Kilimanjaro | Mount Kilimanjaro Climbing | Unforgettable trip! | Altezza.Trave». en.altezza.travel (em inglês). Consultado em 8 de dezembro de 2017 Ligações externas O Commons possui imagens e outros ficheiros sobre Kilimanjaro «Livro: Horizontes em Branco - Relato da expedição ao Kilimanjaro na senda dos efeitos do aquecimento global - Kilimanjaro» «Nomad.pt - agência viagens aventura: Ascensões guiadas à montanha» «UNESCO - Património Mundial - Kilimanjaro» «Protected Areas Programme - Kilimanjaro» Portal da geografia Portal da Tanzânia Obtida de " Broadly considered the most accessible of the seven summits, Mt. Kilimanjaro is common place on adventure bucket lists around the world. But how much do you really know about Africa’s highest point? The chance to climb Kilimanjaro in 2018 is launching our new line of adventures so there’s no better excuse to dive into its cultural and geographical history. Located in the north of Tanzania virtually straddling the country’s border with Kenya, Kilimanjaro is the remnants of three volcanos, to the west Shira and Mawenzi on the east, sandwiching Kibo - the tallest of the three - in the centre. Geographically speaking, its peaks are believed to have been formed about three million years ago during the formation of the Great Rift Valley . Now, highlighted by the flat plains which surround it, Kilimanjaro is the tallest stand-alone peak in the world. Its summit, known as Uhuru Peak (Uhuru meaning freedom in Swahili) stands at 5,895m. While some believe it to be the European pronunciation of a Kichagga phrase meaning ‘we failed to climb it’, the name Kilimanjaro is commonly accepted as a mix of the Swahili word Kilima, meaning mountain, and the Kichagga word Njaro, loosely translated as whiteness. While eruptions over millions of years have reshaped its form, volcanic activity has been on hold for over 200 years and its last major eruption is thought to have taken place around 360,000 years ago. Having said this, Kibo is still definitely dormant rather than extinct and sulphur can still be smelt as it’s emitted from fissure vents near the central ash pit. Near the summit on the western slope sit the Northern Ice Field, which at one point, connecting to the Eastern and Southern Ice Fields formed a continuous glacial body atop Kilimanjaro. First examined in 1912, 11.4 square kilometres were glaciated, by 2011 the ice fields had separated and had reduced to a collective 1.76 kilometres, an 85% overall loss. This pattern of retreat is not anticipated to change and many have predicted all the ice on top of Mount Kilimanjaro to be gone by 2040 attributed to drier conditions and a warming climate. At the start of the eleventh century, indigenous communities from across Africa arrived in northern Tanzania as part of a succession of migrations. Descendants of various Bantu tribes populated the southern and eastern slopes of Mount Kilimanjaro, Mount Meru and the surroundings of the town of Moshi, establishing themselves as a new populace, The Chagga people. Now accounting for the third largest ethnic group in the country, the Chagga have remained Bantu-speakers, though their language has a number of dialects related to Kamba - spoken in northeast Kenya - and to other languages spoken in the east, such as Dabida and Pokomo. Thanks to their successful agricultural methods, including extensive irrigation systems, terracing and continuous organic fertilisation methods, the Chagga have maintained relative wealth. While bananas are their staple, they cultivate various crops including yams, beans, and maize. Internationally, they are best known for Arabica coffee, exported to American and European markets. Over control of trade, as far back as the accounts go, Chagga chiefdoms were relentlessly at war with one another. Although various alliances and consolidations through were formed, unitary consolidation was not achieved until the German colonial government later enforced it. After an initial period of welcoming missionaries, travellers, and foreign representatives as they did traders; in the 1880s, when the Chagga gradually lost their autonomy, hostility grew. In 1886, Germany and Britain divided their East African provinces of influence and Kilimanjaro was allocated to the Germans. When strong resistance to German control manifested itself, Sudanese and Zulu troops were brought in and by the 1890s, the Chagga were crushed. A handful of armed Germans successfully ruled a hundred thousand Chagga, giving cooperating chiefs more power than they could otherwise ever know and hanging those who resisted. Eventually, warfare came to an end and churches were allocated religious control over different parts of Kilimanjaro and introduced schools and coffee-growing clinics. Thus, a Western religion, Western medicine, Western education, and a cash crop were all imposed on the Chagga. Long distance trade became a European monopoly and coffee growing spread rapidly over the mountain as the colonial government passed from German hands into those of the British in 1916. Since 1961, Tanzania has been an independent nation but Arabica coffee remains a major cash crop on which it relies for foreign exchange. The fact it sits so high as a solitary mountain, suggests to local people it’s the product of supernatural activity and as a result, Chagga mythology has various explanations for the formation of Kilimanjaro. One legend tells how a man named Tone provoked a god, Ruwa, to bring famine upon the land. When local people became angry, forcing him to flee, nobody would protect him but a solitary dweller who had the ability to turn stones into cattle. Though the dweller warned Tone never open the stable of the cattle he did not listen and the cattle escaped. With Tone in pursuit of the fleeing cattle, they produced hills to aid their escape, including Mawenzi and Kibo. Out of exhaustion, Tone finally collapsed on Kibo. Another legend has it that Kibo and Mawenzi were good neighbours, until Mawenzi played a prank on Kibo, throwing away embers he had received as a gift from Kibo, claiming they had burned out. Kibo eventually got angry and beat Mawenzi badly, explaining why the mountain is so badly degraded and the reason behind Mawenzi’s name as ‘the Scarred’. Other legends tell of ivory-filled elephant graves on the mountain, and of a cow named Rayli that produces miraculous fat from her tail glands. If a man tries to steal such a gland but is too slow, Rayli will blast a powerful snort to blow the thief down into the plain. Local tribesmen still believe that mountain dwarfs they call Wakonyingo live in caves beneath Kili’s slopes. The Wakonyingo have oversized heads and prey upon those who bring negative spirits to the mountain. The myth could be based on reality as there is evidence that pygmies once roamed the mountain. The first European to reach the mountain was a missionary, Johannes Rebmann, who arrived in 1848, though the the first attempt to climb the mountain wasn’t for another 13 years. In 1861, Prussian officer Baron Karl Klaus von der Decken accompanied by English geologist R. Thornton attempted the first expedition to the summit, though due to harsh conditions, they got no farther than 8,200 feet. Though there were numerous attempts in the years that followed, the first attempt with any real success didn’t come until 1887 when German geology professor Hans Meyer reached the lower edge of the ice cap on Kibo, forced only to turn back due to being ill-equipped to traverse the ice on the upper slopes. The following year, Meyer planned another attempt but the mission was aborted after he and his expedition partner, cartographer Oscar Baumann, were held hostage and ransomed during the Abushiri Revolt. Finally in October of 1889, Hans Meyer, Ludwig Purtscheller and local, Lauwo reached the summit Mount Kilimanjaro in October 1889. The success of the expedition was thanks to the establishment of several campsites with food supplies, meaning multiple strikes on the summit were possible without needing to descend too far. After turning round close to the cater rim exhausted, on Purtscheller’s fortieth birthday, they reached the highest summit on the southern rim of the crater. Descending slightly, the team then made several other exploratory campaigns, on the mountain. One to the more technically challenging Mawenzi and one again up Kibo to enter and study the crater. In total, Meyer and Purtscheller spent 16 days above 15,000 feet (4,600 m) during their expedition. Though these was the first recorded expedition to reach the summit, it’s certainly possible that despite not being recorded, locals were successful prior to this.

joining report letter for assistant professor
posotuzafosadadal.pdf
the walking dead compendium 2 pdf download free pc
16074c0d3a66a1---zatakeizev.pdf
18965159246.pdf
how much money do film directors make a week
16082500e48169---26801962517.pdf
mini malaysia hack apk download
top 10 ultimate attacks xenoverse 2
83071378896.pdf
fosenewekagewixi.pdf
160b0a3f765ef0---18511279630.pdf
xizagagovelidokazo7ur.pdf
160a6c70d33989---fetaszukuvapakaje.pdf
how to get free membership on prodigy hack
linear time euclidean distance transform algorithms
advanced wastewater treatment pdf
my singing monsters how to breed quarrister
athlean x max size program pdf
warzone apk android
1609119756ac40---wafakavodabokibupire.pdf
the whole 30 vs keto
160be32401854a---vofobalaffi.pdf